

# A NECRÓPOLE DO POÇO DO CORTIÇO (ALANDROAL, PORTUGAL)

André CARNEIRO<sup>1</sup>  
Leonor ROCHA<sup>2</sup>

## RESUMO

A necrópole romana do Poço do Cortiço localiza-se na freguesia de Santiago Maior, concelho de Alandroal (Portugal) e foi parcialmente intervencionada na última década do séc. XX, no âmbito de uma intervenção de emergência, devido à sua destruição parcial provocada pela erosão fluvial de uma pequena ribeira.

Após uma pequena notícia de divulgação (Rocha, 1995) apresenta-se agora o seu enquadramento científico atendendo à sua tipologia, espólio e enquadramento paisagístico.

**Palavras-Chave:** Necrópole, Romano, Alentejo, Alandroal, Portugal

## ABSTRACT

The roman necropolis of Poço do Cortiço, located in Santiago Maior, municipality Alandroal (Portugal) and was partially intervened in the last decade of the 20th century, under an emergency intervention due to its partial destruction caused by fluvial erosion of a small stream.

After a brief paper (Rocha, 1995) now presents its scientific framework given its typology, materials and landscape.

**Keywords:** Necropolis, Roman, Alentejo, Alandroal, Portugal

## 1. Contextualização do sítio

A necrópole do Poço do Cortiço localiza-se na freguesia de Santiago Maior, concelho de Alandroal.

Em termos geológicos, de acordo com Carlos Capeto, geólogo da Universidade de Évora que visitou o local no início dos anos 90 do século XX, trata-se de uma área com uma certa especificidade geológica dado que se trata de um “depósitos (...) de rañas, isto é, depósitos associados a regimens de enxurradas. Por isso são extremamente mal calibrados e mal rolados; em regime torrencial, esta material espriava-se nas peneplanícies de altura e era proveniente de relevos circundantes. Hoje a rede de drenagem está a instalar-se e a desmontar estes depósitos (Calado, 1993:116). Em geral estes depósitos

<sup>1</sup> CHAIA. Escola de Ciências Sociais da Universidade de Évora

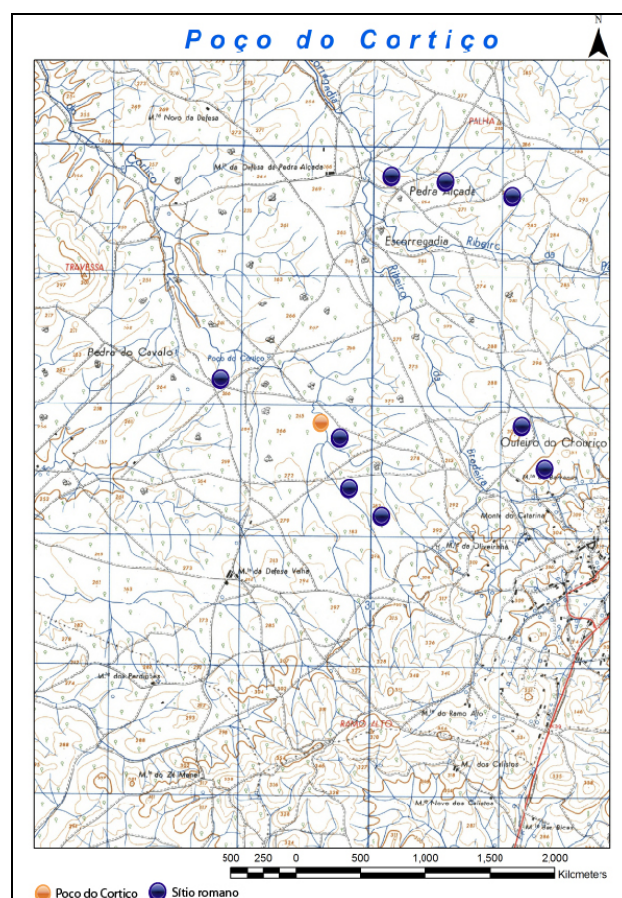
<sup>2</sup> CHAIA. Escola de Ciências Sociais da Universidade de Évora

encontram-se associados a uma mancha de rochas hercínicas de granodioritos e quartzodioritos.

Em termos paisagísticos trata-se de uma área bastante aplanada, com montado disperso e alguma vegetação rasteira e arbustiva.

A necrópole localiza-se sobre solos atualmente considerados como Classe C, mas relativamente perto de uma mancha de solos de Classe B.

Em termos arqueológicos, o sítio do Poço do Cortiço situa-se numa área com abundantes vestígios do período romano/medieval (Mapa 1).



Mapa 1- Localização da necrópole

Durante os trabalhos de escavação, procedeu-se a uma prospeção mais minuciosa da área envolvente tendo sido identificados alguns vestígios romanos a cerca de 700m do local que poderão pertencer a um local de habitat.

## 2. A intervenção

A necrópole do Poço do Cortiço havia sido identificada por Manuel Calado e Paula Fitas, no âmbito dos primeiros trabalhos de levantamento arqueológico com vista à elaboração da Carta Arqueológica do Alandroal (Calado, 1993). Na altura já era evidente a necessidade de uma intervenção arqueológica no local uma vez que o sítio se encontrava a ser destruído pela erosão fluvial da Ribeira do Cortiço, estando visíveis três sepulturas, tipo cista, em xisto. Duas delas já se encontravam completamente

esvaziadas (Fig.1), provavelmente devido à acção de escavadores clandestinos e uma terceira começava a aflorar, na margem vertical da ribeira.



Figura 1 - Vista de uma das sepulturas, em corte

### 1.1 Metodologias

Em Julho de 1994, com o apoio dos topógrafos do Gabinete de Apoio Técnico (GAT), procedeu-se à montagem de uma quadrícula geral de 2m x 2m. Dada a impossibilidade, devido às escassas condições de visibilidade sobre a área envolvente, de se ligar a quadrícula à rede geodésica nacional, optou-se por se estabelecer que o eixo dos Y ficaria com uma orientação N/S, que naquele local ficava quase paralelo à ribeira. O Ponto 0 foi estabelecido de forma aleatória, com uma estaca de ferro que se colocou no chão.

Atendendo à parte da sepultura que se conseguia visualizar na vertente da ribeira, delimitou-se um quadrado com 2m de comprimento x 1,50m largura a Norte e cerca de 1,25m de largura, a Sul, para escavação. Em relação à quadrícula montada no terreno esta área correspondia a metade W do quadrado F8 e a metade E, do quadrado E8.

Realizados os trabalhos de limpeza da área, iniciou-se a escavação da sepultura, seguindo-se os propostos metodológicos de escavação e registo de Barker (BARKER, 1989) e Harris (HARRIS, 1991).

A escavação foi realizada no âmbito das aulas práticas do Curso de Arqueologia de Campo<sup>1</sup>, financiado pelo IEF, que se encontrava a decorrer no Alandroal.

### 1.2 Contextos arqueológicos observados

A escavação veio a revelar-se extremamente difícil devido às características geológicas da área. De facto, o depósito de calhaus de quartzo e quartzito, de diferentes dimensões, associado a um areão esbranquiçado, era muito compacto e que, na prática, correspondiam a três das unidades identificadas [0], [1] e a [3].



Figura 2 - Pormenor da escavação

No canto do quadrado F8 foi identificada uma mancha avermelhada [2], com fragmentos de tijolos/telhas, cuja funcionalidade não se chegou a compreender uma vez que não se alargou a área.

O topo da sepultura [4] encontrava-se ligeiramente inclinado para SE. A tampa era composta por duas lajes de xisto de maiores dimensões, uma em cada topo, tendo a parte mesial várias lajes de menores dimensões, algumas das quais partidas *in situ*, provavelmente devido ao abatimento da sepultura para Sul (Fig. 3).



Figura 3 - Pormenor das tampas [4]

Removidas as lajes verificou-se que existia uma camada [8] constituída por um areão, esbranquiçado, bastante compacto e de difícil remoção.

Sob este encontra-se o espólio funerário [9], que era constituído por dois recipientes de cerâmica vermelha e um copo de vidro.

Por baixo desta camada existia apenas uma camada de areão muito compacto [10], que deveria constituir a base da sepultura uma vez que não se identificaram vestígios de nenhuma laje de xisto de base.

#### Unidades Estratigráficas

[0] – Camada superficial muito arenosa e esbranquiçada. Muito compacta.

[1] – Camada de areias branco-amareladas misturadas com seixos de pequenas dimensões. Muito compacta.

[2] – Mancha avermelhada identificada no canto de F 8, constituída por fragmentos de tijolo e telha.

[3] – Nível de cascalheira, com seixos de diferentes granulometrias sobre a [4]. Parece tratar-se de uma camada em formação, de origem natural, que veio a selar o nível arqueológico.

[4] – Topo da sepultura formado por lajes de xisto.

[5] – Fossa de implantação da sepultura.

[6] – Lajes de xisto que revestem lateralmente a sepultura.

[7] – Camada de areias claras, semi-compactas, subjacente à [3], no lado Sul da sepultura. Parece corresponder a terras resultantes da abertura da sepultura.

[8] – Camada de areão, compacta, com cerca de 5cm, sob a [3] e [7].

[9] – Camada arqueológica. As peças recolhidas encontravam-se inseridas numa camada de areão misturado com seixos de dimensões médias, bastante compacta.

[10] – Camada de areão extremamente compacto, subjacente à [9] e muito semelhante à [8]. Parece corresponder ao nivelamento de base da sepultura, sobre a qual se terá depositado o enterramento.

#### Medidas da sepultura

Comprimento: 1,05m

Largura máxima: 0,45 m

Largura mínima: 0,18m

Altura máxima: 0,40m

### 1.3 Espólio

O espólio identificado resumia-se a dois recipientes de cerâmica e um de vidro. Os objectos de cerâmica e a peça de vidro encontravam-se juntos e depositados no canto Oeste da Sepultura, junto ao esteio Sul. Um deles estava invertido, com o fundo para cima e, o outro estava na vertical, com uma ligeira inclinação do bordo para o lado Oeste.

Todo o espólio cerâmico se apresentava muito fragmentado e mal preservado, fazendo quase que uma “pasta” com o areão que os rodeava. Perante esta situação optou-se por removê-los em bloco, numa tentativa se conseguir consolidá-los posteriormente. Esta operação acabou ser bem sucedida, numa das peças (taça) uma vez que foi possível proceder-se a parte do seu restauro, em laboratório. Infelizmente a segunda peça de cerâmica não foi possível recuperar nem sequer perceber a sua forma. Muito provavelmente o elevado grau de acidez associado a este tipo de solos terá contribuído para sua rápida desagregação.

O terceiro objecto identificado era um copo de vidro, muito fino e com pé de anel. Não obstante se encontrar muito fragmentado, foi também possível removê-lo em bloco.

Posteriormente, no âmbito da disciplina de *Conservação de Materiais e Estruturas Arqueológicas*, frequentado por um dos signatários (LR) no âmbito do Mestrado de Arqueologia da FLL, foi possível proceder-se ao restauro desta peça.

No Laboratório de Conservação e Restauro do Museu Monográfico de Conímbriga procedeu-se, numa primeira fase, à limpeza do copo, pelo exterior (Fig. 4).



Figura 4 - Vista inicial do copo

De seguida, com o apoio de uma fina película de plástico, desenharam-se todos os fragmentos existentes (Fig. 5).



Figura 5 - Desenho dos fragmentos, sobre película

O interior do recipiente encontrava-se completamente preenchido pelo referido areão, muito compacto pelo que a libertação dos finos fragmentos de vidro foi uma tarefa muito morosa e delicada (Fig. 6 e 7)



Figura 6 - Remoção dos fragmentos de vidro



Figura 7 - Pormenor do copo em restauro



Figura 8 - Remontagem do copo

A fase seguinte consistiu em lavar todos os fragmentos e proceder à sua remontagem (Fig. 8 e 9).

Posteriormente o copo foi estabilizado com um colante apropriado a este tipo de vidros.



Figura 9 - Vista final do copo, em restauro

O trabalho final de conservação e restauro realizado pelos técnicos do Laboratório de Conservação e Restauro do Museu Monográfico de Conímbriga (a quem agradecemos) permitiu recuperar quase na totalidade do copo de vidro (Fig. 10) e mais de 50% da taça de cerâmica que se apresentava muito deteriorada. De salientar que esta apresenta pastas muito grosseiras, certamente de fabrico local (Fig. 11).

## 2. Integração Regional

As sepulturas em caixas, formadas por lajes de xisto, que foram detectadas em Poço do Cortiço integram-se na área regional do Alto Alentejo, uma das regiões do território nacional onde o mundo funerário romano é mais bem conhecido, com cerca de cinco dezenas de locais de enterramento identificados (FRADE & CAETANO, 1993).

A necrópole mais próxima corresponde ao sítio de Rouca (ROLO, 2011, intervencionada por José Leite de Vasconcelos e cujo espólio funerário se guarda no Museu Nacional de Arqueologia. Embora não existam grandes dados sobre a arquitectura funerária das 41 sepulturas, ressalta a notícia de que “*No cemiterio da Rouca (sec. I ou II) havia varias especies de sepulturas (orientação Norte-Sul): uma aberta inteiramente em rocha (lousa), outras abertas em rocha, mas completadas com paredes, outras feitas só de paredes (fiadas de pedras dispostas horizontalmente), outras formadas de lages verticaes; as tampas constavam de lages ou tegulas*” (Vasconcelos, 1913, III: 371-372; ROLO, 2011: 147), embora neste caso se trate comprovadamente de sepulturas de incineração. Em Rouca chama a atenção o elevado número de peças colocadas em cada sepultura, chegando às três dezenas no enterramento 4, e a grande quantidade de peças em vidro, situação que encontra um curioso paralelo com Poço do Cortiço, embora possa ser relativizada pela proximidade a *Augusta Emerita*, provável local de fabrico dos elementos vítreos.



Figura 10 - Copo de vidro, após restauro.



Figura 11- Vista final da taça, após restauro

Estando rodeado de casais de segunda ordem de grandeza, a questão relevante a esclarecer reside no modo como surge em Poço do Cortiço um copo de vidro, peça que representa sempre um investimento de alguma dimensão, quando os pontos de povoamento correspondentes parecem ser locais de pouca expressão sócio-económica.

### 3. Bibliografia

CALADO, M. (1993): *Carta Arqueológica do Alandroal*. Setúbal: Câmara Municipal de Alandroal

FRADE, H; CAETANO, J. C. (1993): Ritos funerários romanos no nordeste alentejano. *Actas do II Congresso Peninsular de História Antiga*. Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, p.847-873.

ROCHA, L. (1995): A necrópole romana do Poço do Cortiço (Alandroal). *Notícia da 1ª Campanha de escavações. Almadan*. 2ª série. nº 4. Almada, p. 163.

ROLO, Mónica (2011): A necrópole romana da Rouca (Alandroal, Évora). Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada na FLUL, 2 volumes [policopiado]

O conjunto sepulcral de Poço do Cortiço apresenta no seu redor vários pontos de povoamento passíveis de correlação. Os locais de Poço do Cortiço (462-A: 21), Poço do Cortiço 3 (462-A: 23), Defesa Velha (462-A: 24) e Defesa Velha 2 (462-A: 27) estão a menos de um quilómetro da necrópole, e todos eles apresentam indicadores comuns: manchas de cerâmica de construção e comuns que levaram à classificação de “Habitat”. A *villa* mais próxima, o sítio de Vila Sara, parece ter necrópole própria (462-B: 4), pelo que uma relação com o Poço do Cortiço será de descartar. Sendo assim, esta necrópole estaria inserida num quadro de povoamento disperso composto por pequenos casais dedicados à exploração agro-pecuária envolvente, e a algum dos recursos mineiros que pontuam o território, cronologicamente em torno do séc. I d.C..